

# Apresentação

*Introduction*

**João Carlos Furlani**

Muito provavelmente, o marco inicial na formulação de um modelo teórico moderno para analisar cidades remonta à História Antiga com Fustel de Coulanges, autor de *La cité antique*, de 1864. No entanto, sua obra reflete as inquietações da segunda metade do século XIX, uma era dominada pelas ideias de progresso e pela busca de uma narrativa precisa na história humana. A partir desse momento, a relação dos especialistas com a espacialidade do Mundo Antigo demonstrou uma série de conotações, oscilando entre a positividade, o entusiasmo e o afastamento. É vital perceber que a própria concepção de cidade passou por constantes transformações. Não à toa, definir tal conceito é sempre desafiador, como bem salientou Gordon Childe (1950, p. 3), na metade do século XX.

Se pensarmos numa espécie de equação análoga, é plausível assumir que a cidade se situa no âmbito das reflexões sobre o espaço e a sociedade, uma vez que é um produto intrínseco dessa relação. Em outras palavras, os domínios citadinos são produzidos historicamente por relações socioculturais em determinados contextos, não se devendo perder de vista que as cidades são, antes de tudo, construções humanas orientadas para os próprios interesses humanos (MARCUS; SABLOFF, 2008, p. 10). Ademais, é crucial perceber que as cidades possuem narrativas próprias e camadas temporais distintas, abrangendo aspectos como objetivos de criação, localização, recursos naturais, edificações, arquitetura, pluralidade cultural e relações no espaço urbano.

Uma cidade pode ser compreendida como uma entidade multifacetada, já que as *urbes*, *póleis* ou qualquer aglomeração populacional não constituem realidades estáticas e imutáveis. Elas se contraem, expandem, são destruídas, reconstruídas e remodeladas ao longo do tempo. Para os pesquisadores, isso implica a possibilidade de refletir sobre os processos de modernização, reformulação e adaptação, sem ignorar os abandonos que os espaços urbanos enfrentaram (e enfrentam) em momentos específicos. Ressaltamos também que o significado atribuído à cidade e seus espaços, assim como as atividades nela desempenhadas, são responsáveis por criar múltiplas interpretações entre os grupos que coexistem e interagem. Em outras palavras, para além de serem territórios do ponto de vista físico e tectônico, são espaços complexos e repletos de significado, onde o

controle do ambiente e da paisagem torna-se uma prerrogativa (PEYRAS, 1986, p. 213; RAMINELLI, 1997, p. 185-202; LEFEBVRE, 2008, p. 118).

Embora a abordagem espacial no meio historiográfico possa soar natural para alguns leitores, essa relação nem sempre foi assim. É sabido que historiadores concebem seus universos documentais e epistemológicos de maneiras distintas em contextos diversos. O apego dos historiadores aos documentos escritos, especialmente aqueles dos séculos XVIII e XIX, é evidente, posto que estes especialistas fundamentaram a historiografia moderna, profundamente focada em questões proporcionadas pela textualidade. Ao longo da primeira metade do século XX, observamos correntes historiográficas se aproximarem de disciplinas como a Sociologia, a Antropologia e a Economia, e se distanciarem ainda mais de questões espaciais e materiais.

Na segunda metade do século passado, contudo, a História passou por mudanças epistemológicas significativas. Diversos “viradas” ou “giros” marcaram sua trajetória como disciplina acadêmica. Uma das mais notáveis foi a virada linguística (*linguistic turn*), que expressou suas preocupações com a narrativa histórica desde Paul Veyne (1970), no final dos anos 1960, mas ganhou destaque central nos debates teóricos, especialmente após a obra *Metahistory*, de Hayden White (1973). A contribuição dos pressupostos linguísticos acentuou provocativamente a relação entre filosofia e linguagem na História, gerando um debate intenso que perdura até hoje. No entanto, mais uma vez, os aspectos materiais e espaciais relacionados à constituição das sociedades e dos indivíduos foram negligenciados ou considerados secundários. Muitos historiadores reagiram aos pressupostos de White, concentrando-se mais em criticá-lo ou reafirmar a cientificidade da História como disciplina e de seu conhecimento produzido. Nesse esforço, houve uma associação mais estreita com as Ciências Sociais e, conseqüentemente, com seus métodos.

Na França, por exemplo, o pensamento de Fernand Braudel (1967) sobre a materialidade da civilização foi deixado de lado em favor das mentalidades, por meio de um diálogo crescente com a Antropologia, enfatizado pela chamada *Nouvelle Histoire*, difundida, sobretudo, por Jacques Le Goff e Pierre Nora (1974). Surgia, assim, uma nova virada nos estudos históricos, a cultural, que, entre suas proposições, não incluía claramente um diálogo com as disciplinas que exploraram a espacialidade e sua relação com os sujeitos. No entanto, paralelamente, uma frente multidisciplinar no estudo do Mundo Antigo (mas não exclusivamente) incluiu em sua agenda questões relacionadas à cultura material, aos indivíduos e à sociedade de maneira mais efetiva (HODDER; ORTON, 1970; MARTINS; SILVA, 2019). Decerto, a relação entre História Antiga e Arqueologia Clássica sempre foi estreita, mas a forma como esta última era compreendida pelos historiadores limitava um olhar mais crítico sobre a riqueza que a materialidade poderia oferecer. Da

mesma forma, os arqueólogos precisaram atualizar sua agenda para incluir problemáticas mais sociais e menos técnicas. Isso também vale para a Geografia e a Arquitetura (LYNCH, 1982; TUAN, 1980; QUAINI, 1981; SANTOS, 1985).

Consolida-se, portanto, a percepção de que a mudança social não pode ser plenamente explicada sem uma reconsideração das categorias relacionadas ao componente espacial da vida social. Cada vez mais prevalece a ideia de que “ser e tempo” não abrangem toda a dimensão da existência humana (SCHLÖGEL, 2003, p. 9), e que o espaço não é meramente um continente ou uma realidade apriorística da natureza. Ao contrário, ele precisa ser concebido e investigado como condição e resultado de processos sociais (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 9). Dessa perspectiva, surge o que alguns convencionaram chamar de *spatial turn* ou virada espacial (LÖW, 2013, p. 17-34).

Conceitos provenientes de diversas áreas, como espaço, cidade, território, ambiente construído, topofilia/topofobia, isotopia/heterotopia, monumentalidade, urbanização, topografia, globalização, paisagem, fronteiras, mobilidade, entre outros, tornaram-se cada vez mais comuns (ALDROVANDI, 2009; BALANDIER, 1999; CHILDE, 1950; CRIADO BOADO, 1993; FLORENZANO, 2011; GUARINELLO, 2010; HARVEY, 2005; HODDER, 1994; KORMIKIARI, 2011; LEFEBVRE, 1999; LYNCH, 1982; MARCUS; SABLÖFF, 2008; PEYRAS, 1986; SANTOS, 1985; TUAN, 1980).

A produção de conhecimento sobre o Mundo Antigo, incluindo as dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação das universidades brasileiras, foi enriquecida pelo diálogo entre Arqueologia, História, Geografia e Arquitetura, uma vez que novos preceitos teóricos e metodológicos ampliaram os horizontes dos pesquisadores, permitindo a exploração de problemas que ainda não haviam sido devidamente investigados. Testemunhamos, entusiasmados, um novo olhar sobre fontes textuais – algumas previamente exploradas à exaustão – e a incorporação de documentos de natureza material para vislumbrar questões antes relegadas a segundo plano.

Inserido nas discussões apresentadas acima, o presente dossiê, intitulado “Cidade, território e materialidade no Mundo Antigo”, volta-se para as narrativas e usos dos espaços. Com o propósito de iluminar diferentes aspectos da materialidade no Mundo Antigo e na Antiguidade Tardia, apresentamos artigos e resenhas que abordam particularidades sobre as mais diversas cidades antigas, sob a perspectiva de historiadores e arqueólogos. Isso inclui questões de cunho historiográfico, cultural, político, religioso e social, sem perder de vista a importância da espacialidade na compreensão do cotidiano de indivíduos e grupos inseridos no *modus vivendi* das sociedades urbanas.

Em face do exposto, este dossiê de *Romanitas - Revista de Estudos Greco-latinos* volta-se para uma tendência atual que combina concepções e métodos provenientes da

História Urbana, da Arqueologia Clássica, da Geografia, da Arquitetura e da Sociologia, com o intuito de abordar de maneira plural e interdisciplinar esses ricos espaços que são as cidades, que de forma alguma devem ser pensados e tratados como estáticos e indelévels.

Desejamos a todos uma leitura proveitosa e prazerosa!

## Referências

- ALDROVANDI, C. E. V. Arqueologia do ambiente construído: uma incursão pelos fundamentos teórico-metodológicos. In: FLORENZANO, M. B.; HIRATA, E. F. (org.). *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 13-33.
- BALANDIER, G. *O dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRAUDEL, F. *Civilisation matérielle, économie et capitalisme (XVe et XVIIIe siècles)*. Paris: Armand Colin, 1967. t. 1.
- CHILDE, V. G. The Urban Revolution. *The Town Planning Review*, v. 21, n. 1, p. 3-17, 1950.
- COULANGES, F. *La cité antique: étude sur le culte, le droit, les institutions, de la Grèce et de Rome*. Paris: Durand, 1864.
- CRIADO BOADO, F. Límites y posibilidades de la arqueología del paisaje. *Spal – Revista de Prehistoria y Arqueología*, v. 2, p. 9-55, 1993.
- FLORENZANO, M. B. Construindo o helenismo: o tirano e a monumentalização urbanística da *pólis* grega. In: ALDROVANDI, C. E. V.; KORMIKIARI, M. C. N.; HIRATA, E. F. V. (org.). *Estudos sobre o espaço na Antiguidade*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 41-56.
- GUARINELLO, N. L. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: um ensaio. *Mare Nostrum*, v. 1, n. 1, 113-127, 2010.
- HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HODDER, I. Architecture and meaning: the example of Neolithic houses and tombs. In: PARKER PEARSON, M.; RICHARDS, C. *Architecture and order: approaches to social space*. London: Routledge, 1994, p. 73-86.
- HODDER, I.; ORTON, C. *Spatial analysis in Archaeology*. New York: Cambridge University Press, 1976.
- KORMIKIARI, M. C. N. *et al.* O estudo das fronteiras no Mundo Antigo: o caso grego. In: ALDROVANDI, C. E. V.; KORMIKIARI, M. C. N.; HIRATA, E. F. V. (org.). *Estudos sobre o espaço na Antiguidade*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 125-155.
- LE GOFF, P.; NORA, P. (dir.). *Faire de l'histoire: nouveaux problèmes, nouvelles approches, nouveaux objets*. Paris: Gallimard, 1974. 3 v.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008.

- LÖW, M. O *spatial turn*: para uma sociologia do espaço. *Tempo social, revista de Sociologia da USP*, v. 25, n. 2, p. 17-34, 2013.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- MARCUS, J.; SABLOFF, J. A. (ed.). *The ancient city: new perspectives on urbanism in the old and new worlds*. Santa Fe: School for Advanced Research, 2008.
- MARTINS, M. M.; SILVA, G. V. Cidade antiga e sociedade: narrativas e diálogos interdisciplinares. In: FERREIRA, A.; MARQUES, A. (org.). *As cidades na História: sociedade*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2019, p. 79-108.
- MUMFORD, L. *The city in history: its origins, its transformations, and its prospects*. New York: Harcourt, Brace & World, 1961.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Existencia, espacio y arquitectura*. Barcelona: Blume, 1980.
- PEYRAS, J. Deux études de toponymie et de topographie de l'Afrique antique. *Antiquités Africaines*, v. 22, p. 213-253, 1986.
- QUAINI, B. *La costruzione della Geografia umana*. Firenze: Nuova Italia, 1981.
- RAMINELLI, R. História urbana. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 185-202.
- SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- SCHLÖGEL, K. *Im Raume lesen wir die Zeit: Über Zivilisationsgeschichte und Geopolitik*. München: Carl Hanser, 2003.
- TUAN, Y.-F. *Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- VENTURI, R. *Complexity and contradiction in Architecture*. New York: The Museum of Modern Art, 1966.
- VEYNE, P. *Comment on écrit l'Histoire: essai d'épistémologie*. Paris: Le Seuil, 1970.
- WHITE, H. *Metahistory: the historical imagination in 19th century Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.
- ZEVI, B. *The modern language of Architecture*. Seattle: University of Washington Press, 1978.